

Transcrição

Memórias do Brasil

Gerônimo

Intro

Insert do pôr do sol.

(V.O) Gerônimo: O mar faz parte de mim. É fonte de inspiração de quase todas as músicas que eu tenho. (cantando ao fundo "Abracei o mar na lua cheia, abracei"). E ao mesmo tempo tenho respeito e receio.

(PMC) Gerônimo: Em ter ele sempre como um bom companheiro, conciliador, calmante dos meus olhos, da minha alma e espírito.

(V.O) Gerônimo: Só em estar aqui respirando, vendo esse sol batendo na gente, já é um agradecimento. Tomar um banho de mar já é um agradecimento. (música "Abracei o mar" ao fundo). O mar é maravilhoso, lindo e sedutor.

(PMC) Gerônimo: Mas, também tem seus perigos, por que se você ficar muito no mar, você esquece de tudo que está acontecendo em terra. (PMC) Gerônimo:

(PMC) Gerônimo: Nas piores das tempestades a gente tem que manter o rumo certo. E isso serve também para nossas vidas, a gente manter o rumo para não encalhar e para não bater em nenhum banco de areia. (música Abracei o Mar ao funcho)

Vinheta de introdução

Bloco 1

(PM) Gerônimo: Eu sou Gerônimo, sou artista, sou compositor.

(PM) Armandinho: Gerônimo é um amigo de longas datas.

(PM) Toni Duarte: Meu irmão, ele é um dos ícones da música baiana.

(PP) Caetano Veloso: Eu adoro Gerônimo

(PM) Perfilino Neto: Gerônimo, juntamente com Luiz Caldas e Moraes Moreira, para mim, formam a trilogia da melhor produção musical que já se fez na Bahia, isso a partir do final do século XX.

(PM) Luiz Caldas: Gerônimo, além de um grande cantor ele também sempre foi um grande compositor, para várias pessoas, desde de Ana pequena, a própria Gal Costa, e tantos outros, o próprio Moraes.

(PM) Jorge Portugal: Ele ultrapassa inclusive a condição de cantor, compositor e já ascende, já toca o patamar da personagem.

(PM) Jorge Washington: Eu acho que Gerônimo é um fiel leitor e discípulo de Gregório de Matos, ele usa a picardia, ele usa aqueles elementos bem... para falar de coisas que é séria.

(PA) Toni Duarte: Gerônimo sempre foi assim de sacanear, de brincar, nunca de malvadeza.

(PM) Jorge Washington: Uma das cabeças mais pensantes da música, por que ele tem uma energia e um olhar muito interessante para o viés popular.

(PM) Gerônimo: Eu sempre compus música sendo muito mais um sociólogo contando a história das pessoas, do meu povo, de como é que eu observo e vivo a natureza.

(PM) Armandinho: Gerônimo, à algum tempo se tornou essa figura baiana tão presente, tão representativa, do nosso cenário musical.

(PA) Toni Duarte: Ele é um dos responsáveis pela inclusão da música afro-percussiva no cenário do carnaval da Bahia.

(PM) Luiz Caldas: Ele é um agrupador de estilos, eu diria assim, e sem fugir da Bahia, por que ele é um dos caras mais baianos que eu conheço.

(PM) Jorge Portugal: Assim como Caetano, assim como Maria Betânia, assim como João Gilberto, ele é uma das mais belas traduções da Bahia. A Bahia em estado puro.

(PP) Caetano Veloso: Só a abertura daquela marcha frevo, aquela marcha que diz: " Já é Carnaval cidade, acorda pra ver" Essa música..."A chuva parou cidade, e o sol vem aí".

Essa música cara, essa abertura...é um dos momentos mais belos da cidade do Salvador.

(PM) Jorge Portugal: Você já sente a alegria no primeiro verso, a convocação, esse primeiro verso convidando o povo.

Entra música "Já é Carnaval" - imagens de arquivo.

(PM) Gerônimo: A minha música é totalmente mestiça, se eu disser a você que minha música tem uma pureza...Tenha certeza que não.

(PM) Luiz Caldas: É como se ele estivesse, vamos dizer, numa mesa bem posta almoçando, então, tudo que o paladar dele gostar e ele quiser ele acrescenta ao prato dele de uma forma muito legal, por que ele sabe como misturar legal, não é simplesmente você pegar valsa e colocar junto com Rock, tem que saber como cozinhar isso, senão fica intragável.

(PM) Vavá Botelho: Dificilmente você escutar uma música de Gerônimo na voz de outra pessoa e não saber identificar que aquela música é dele. A gente conhece que a música é de Gerônimo na voz de quem for.

(PM) Armandinho: Ele entra com essa linguagem tão baiana, então eu acho que ele é, se considerarmos tudo isso, como o Axé, ele é uma das pessoas que quando começou esse movimento.

(PM) Luiz Caldas: Ele é um cara muito importante para nossa cultura e conseqüentemente para minha invenção: o Axé Music, por que ele já misturava várias coisas, vários estilos, e o axé music não é nada menos que uma mistura de estilos e ritmos.

(PM) Jorge Portugal: Eu já chamo de música baiana contemporânea, por que você tem o axé music de um primeiro momento, que foi uma axé music histórica, com Luís, com Sara Jane, com banda mel, etc, efim.

(PM) Gerônimo: A Bahia começou a ditar sucesso a partir de Luís Caldas, a partir de mim, a partir do Chiclete com Banana. Sabe? O Brasil ficava aguardando, quais eram e quais são as músicas de axé que vão rolar para Brasil.

(V.O) Toni Duarte: O Axé Music fez que nos fizéssemos músicas para o Brasil sem que a gente precisasse sair da Bahia.

(PM) Toni Duarte: Para mim o grande lance é esse, eu, graças a Deus, conheci o mundo, por causa do Axé Music.

(PP) Caetano Veloso: O Gerônimo é uma figura crucial na história do que veio a se chamar Axé, e, para além disso, ele como figura individual um grande "ritmaker" local, da Bahia, mas que se tornou nacional, e que na verdade, é autor de clássicos.

Gerônimo canta É D'Oxum.

(V.O) Gerônimo: Vevé me chamou e nós fomos para ilha, na casa do pai dele, um major.

(PM) Gerônimo: E ficamos a noite toda chupando manga, conversando, mas a música não saía, quando foi já amanhecendo o dia, eu percebi que a cidade de Salvador tinha umas luzes amarelas.

(V.O) Gerônimo: E parecia ouro refletido no espelho d'água da Bahia de Todos os Santos, foi aí então que me veio na cabeça "Nessa cidade todo mundo é d'oxum.

(PM) Toni Duarte: Foi uma música que fez sucesso. Dori Cayme gostou, todo mundo gostou. Dorival Cayme, era vivo na época, elogiou, Jorge Amado adorou. Todos os grandes ícones da cultura baiana reverenciaram a música.

(PM) Armandinho: Essa música virou um hino, ela é uma música que representa uma beleza na forma de falar, da magia baiana.

(PM) Jorge Portugal: "Se der presente, é tudo uma coisa só". Isso é de uma profundidade, de uma verdade, do ponto de vista de quem entende a alma profunda da Bahia...Eu vou te contar.

(PM) Toni Duarte: Quando começa a tocar D'oxum, aí as mulheres todas começam a dançar afro, mesmo toda desengonçadas e tudo, mas, se identificam.

(PM) Luiz Caldas: É muito mais difícil você fazer algo simples, bonito, do que, você para fazer algo bonito, você ter que complicar, colocar um monte de coisas, um monte de enfeites, tudo isso. Então eu fiquei apaixonado logo na primeira vez que eu ouvi, e estava mais que certo, a canção, é um sucesso brasileiro maravilhoso, tanto que Gal Costa chegou a regravar a canção.

(PP) Caetano Veloso: É um clássico do repertório dele para representar o papel dele dentro do chamado, Axé.

Gerônimo canta É D'Oxum.

(V.O) Gerônimo: A minha infância, a maior parte dela, foi aqui nessa ilha onde nós estamos.

(V.O) Dona Memeia: Menino muito traquino, só pensava em tudo ele ser o primeiro.

(PA) Toni Duarte: Gerônimo é o mais velho né, eu sou o caçula, então eu como o caçula sempre acompanhava o mais velho.

(PM) Gerônimo: Hoje a gente navega junto, a gente anda de canoa, a gente anda de barco, e a sincronia da gente é muito boa.

(PM) Dona Memeia: Ele não fica sem um barco, e só gosta de barco de vela, negócio de motor... ele gosta de trabalhar mesmo, puxar corda, é assim.

(PM) Toni Duarte: A gente brinca dizendo que a nossa navegação é do tempo de Jesus, por que ele tem um saveiro, a gente tem uma canoa, e a navegação é braçal, você tem que remar, você tem que puxar cabo, você tem que amarrar, subir vela e tal.

(PM) Gerônimo: Eu aprontava de sair, pela manhã e voltar boca de noite, justamente deixava meus pais com cabelo em pé. Principalmente quando nós saímos daqui da ilha e fomos para cidade, eu olhava para uma rua e queria saber onde era o fim dela, então eu saía naquela rua, só que não tinha fim, quando terminava a rua, já tinha outra rua e eu ia andando.

(PM) Dona Memeia: Sumia, e eu ficava com pescoço doído de ficar esperando ele, para ver ele chegar em casa.

(PM) Toni Duarte: Nós, sempre tivemos muito amor na família.

Fotos de acervo pessoal

(V.O) Gerônimo: Somos quatro, dois homens e duas mulheres, painho sempre deixou a gente...educou a gente para gente ser unido, e sempre fomos unidos, somos unidos até hoje.

(PM) Dona Memeia: Nós resolvemos de uma maneira, botamos os quatro juntos, comigo cinco, no tempo do pai dele, era o pai só quem falava.

(PA) Toni Duarte: Meu pai sempre gostou muito de música, meu pai gostava muito de música latina.

(PM) Gerônimo: Eu me lembro quando meu pai chegou em casa com um disco 78 rotações, com um lançamento de Luiz Gonzaga, cantando "Uma mula preta": "Eu tenho uma mula preta com mais de sete palmos de altura". Ai ai ai, música linda! Ele ia cantando aquela música, descrevendo... chegava no meio da música, vem uma cobra dava uma picada na mula e a mula morria, eu digo: Puta que pariu! Outra música, eu ficava ouvindo a música e ficava triste. Lagrimava meus olhos, saber que o cara tinha uma mula, um animal que ele tinha orgulho, de repente a mula morria por causa de uma picada de cobra.

(PM) Dona Memeia: Ele começou a se misturar, o pai se zangava, chamava ele à atenção, dizia que música era hobbie, e que ele tava gastando dinheiro à toa, por que ele pagava colégio para ele, tava em um bom colégio.

(PM) Gerônimo: Meu primeiro instrumento que eu comecei a tocar, foi conga, que foi um ritmo de futumba, por que meu pai me ensinou quase todos os ritmos das religiões afrodescendentes.

(PA) Toni Duarte: Ele era Ogan, que minha vó era mãe de santo, ele era Ogan que seguia, mas, como ele passava a cultura afro, a cultura do candomblé para gente na mesa do café da manhã. Então ele ensinava, esse aqui é o toque de Oxossi, esse aqui é o toque de Ogum, esse aqui é o toque de Oxalá, e assim por diante.

(PM) Gerônimo: Eu sou afro católico, sou uma pessoa que tive as influências católicas, tive as influências afrodescendente, e como bom mestiço, miscigenei as duas. Não que um seja igual ao outro, não, um pode ser do outro.

(PM) Dona Memeia: Ele tem muita fé em Deus, tem muita fé, acredita muito nos Orixás, ele adora os Orixás.

(PM) Gerônimo: Eu vivo essa minha religiosidade, mas eu não sou tão ligado, eu não sou um fervoroso, não. Tanto que "eu digo "Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo", automaticamente eu digo "Epere babá axé" aí tenho as duas

linguagens religiosas, que para mim querem dizer a mesma coisa.

Gerônimo canta "Ogum"

(V.O) Luiz Caldas: Essa baianidade dele, ele nunca perdeu, e ele mostra isso de uma forma muito forte.

(PM) Luiz Caldas: Por que ele conseguiu unir...acho que ele foi o primeiro cara a pegar os ritmos latinos como salsa, como o mambo, como a rumba, e juntar com nossos estilos musicais.

(PM) Armandinho: Toda música de Gerônimo é aquela coisa baiana, reflete o povo, reflete a história, o costume, e isso é bom de ver nele.

(PM) Luiz Caldas: Moraes trouxe para gente essa influência do ijexá, para nossa música, então assim pintou Moçambique, mas ninguém usou o Ijexá melhor que o Gerônimo.

(PM) Gerônimo: O ijexá, para mim, foi o grande elemento que usei nas minhas músicas, por que esse ritmo, na verdade, é afoxé.

(PM) Toni Duarte: Os ritmos afro brasileiros, na sua grande maioria, é feito com vários instrumentos tocando, cada um, uma figura rítmica.

Mãos tocando instrumentos

(V.O) Toni Duarte: No caso do afoxé, ele utiliza o agogô, depois, tem mais três atabaques no candomblé da Bahia. Cada instrumento toca uma figura rítmica diferente, que isso tudo junto, forma o ritmo do afoxé.

(PA) Perfilino Neto: Ele cria um estilo de afoxé urbanizado, de afoxé estilizado.

(PA) Toni Duarte: Ele viajou para o Rio, foi trabalhar como rode, e percussionista também de Moraes Moreira.

(PM) Jorge Portugal: Naquele tempo também não tinha outra saída, a gente chamava de vestibular do sul, quando chegava, quando chegava num determinado teto aqui na Bahia, e qual era o teto, tocar no teatro Castro Alves, então você sabia que dali não iria acontecer mais nada maior que aquilo, tinha que ir pro Rio de Janeiro.

Imagens de arquivo

(PM) Gerônimo: Comecei então a aprender a viver no Rio, no Rio de Janeiro.

(PM) Jorge Portugal: Ai chegava lá, queria te apresentar um amigo meu, grande guitarrista, tá aqui me dando uma grande força com os arranjos, o nome dele é Luiz Caldas.

Luiz Caldas toca violão.

(PM) Luiz Caldas: A primeira vez que entrei num estúdio, bom de gravação, com todos os recursos, para fazer alguma coisa...ai pronto! Eu comecei a "linkar" minha carreira junto a esse cara, a Gerônimo, que era um cara que além de ter as próprias gravações dele também tocava com outros grandes artistas.

(PM) Gerônimo: Fui conhecendo algumas pessoas, vendo os artistas mais de perto, cada vez mais vendo que a dificuldade, era cada vez, era maior.

(PM) Jorge Portugal: Isso foi época dura, muito dura.

(PM) Gerônimo: Eu não tinha violão para tocar, então o que eu fazia: Eu compunha as músicas sem tocar em nenhum instrumento, e o caminho que eu seguia, era o caminho que eu prosseguia até chegar em determinada música, caminhando pela orla marítima do Rio de Janeiro, entre Ipanema e Copacabana, eram os lugares que eu frequentava andando.

(PM) Luiz Caldas: Era muito difícil. Ele morava mesmo em Botafogo, se não me engano, em uma pensão que uma tinha uma velha, além de ele não pagar direito a velha, ele ainda levou mais duas pessoas para dividir o espaço que ele tinha.

(PM) Dona Memeia: Eu mandava dinheiro para ele dando peixe, ali, para o amigo que estava levando, bastava eu botava o peixe no congelador, enrolava o dinheiro, ele levava durinho, que ele abria o dinheiro estava dentro.

(PM) Luiz Caldas: E era interessante, por que ela chegava na hora do café assim para ele: O Gerônimo, não é lindo pagar as coisas na hora certa? Dando uma certa "sugesta" nele e ele quando saia, ele morria de dar risada, por que Gerônimo, ele, sempre foi muito bem-humorado.

(PM) Gerônimo: Terminou que eu não consegui nada no Rio de Janeiro e retornei para Bahia.

Insert imagens de arquivo (música de Gerônimo)

(PM) Gerônimo: E foi a partir do estúdio de gravação com Elia Rangel e com a grande ajuda de um grande técnico argentino, e hoje Argentino brasileiro, Nestor Madrid, aonde eu tive as minhas primeiras gravações.

(PM) Armandinho: Iaí rapaz, quando a gente menos espera tá o Gerônimo aí estourando na música baiana, e com um trabalho já bem...uma linguagem bem própria, bem baiana.

(PM) Jorge Portugal: Me lembro dele La em Santo Amaro uma vez, eu, La eu ia fazer o que Jorge? Um show que eu estava produzindo com ele, e ele foi La na casa de minha comadre Canô, a mãe de Caetano e Betânia, e eu também estava lá. Ele disse assim: Rapaz acabei de fazer uma música e gostaria que você ouvisse, para ver se tem alguma coisa fora do lugar. Eu disse o que é? Ele disse uma música inspirada em Jubiabá de Jorge Amado. Aí ele cantou Jubiabá, ali em primeiríssima mão. Eu fiquei muito comovido, muito entusiasmado.

(PM) Gerônimo: Na verdade Jubiabá é uma versão, sabe? É uma versão de uma música ("Give me a sing"), e eu ajeitei a forma dela para o meu jeito. Entendeu? E ela se tornou minha. Minha e acabou.

(PM) Armandinho: Dá vez que eu ouvi Jubiabá... Poxa que música bonita, e o ritmo gostoso...Uma impressão muito boa a primeira vez que você ouve, aquela coisa gostosa que você quer ouvir mais.

(PM) Toni Duarte: Jubiabá foi um sucesso tremendo aqui no carnaval da Bahia...Até Paralamas tocou Jubiabá.

Insert Gerônimo toca Jubiabá em um palco.

(PM) Luiz Caldas: parta quem não SAE Gerônimo foi bailarino também, do balé da Bahia e viajou a Europa dançando, fazendo muitas coisas interessantes.

(PM) Vavá Botelho: O Balé Brasileiro da Bahia foi uma companhia de dança criada na EBATECA, que na época, funcionava no Teatro Castro Alves, por isso Escola de Balé do Teatro Castro Alves: EBATECA, e que na época foi um dos

maiores representantes da cultura baiana, pro Brasil e pro mundo.

(PM) Gerônimo: Aí ouvimos rumores, que o Balé Brasileiro da Bahia estava arregimentando músicos para o balé, em uma grande turnê, uma grande viagem pela Europa.

(PA) Cleidy Magnavita: Era um programa extenso, era um programa que durava duas horas, e que tinha um pouco de tudo: Tinha nordestina, a gente dançava os Orixás.

Tinha show de Capoeira, tinha de tudo...E Gerônimo foi também como músico.

(OFF) Cleidy Magnavita: O corpo de baile dançava e os meninos que dançavam faziam uma mise-en-scène, então entravam com os cataventos e faziam umas brincadeiras como se tivessem jogando um pouco de capoeira.

(OFF) Gerônimo: A minha dança não era uma dança tão... Não era um solo tão importante. Era um solo de dentro de um boi que era um bumba-meu-boi que era terrível ele sofrendo. O bailarino ele é um atleta: Ele tem que tá com o corpo em dia, com a saúde em dias para poder dançar, e naquela época eu também era um cancan de fogo.

(PM) Gerônimo: Hoje não me aperte não se não eu posso cair no meio da rua, ou no meio do palco se for dançar muito.

Vinheta de Passagem.

Bloco 2

Insert Gerônimo no palco canta "Eu sou negão".

(PM) Gerônimo: Apareceu uma oportunidade de eu mostrar minha música para uma gravadora a RCA. Aquela gravadora que tem um cachorrinho olhando para o gramofone, quem se lembra sabe. Então todos esses baluartes e produtores fonográficos dessa gravadora estavam reunidos em um só lugar, alguns amigos meus, como Juruna, Cabeludo, disse vamos lá, vamos mostrar, aproveitar e mostrar seu trabalho para essa galera que está aqui.

(PA) Toni Duarte: Para vê se consegue algum contrato, alguma coisa assim. Aí nós tocamos. Uma produção danada. Alugamos o som de João Américo, que era o melhor, som, até hoje. Hoje

têm outros, mas, na época era o som profissional aqui da cidade, e fomos tocar.

(PM) Gerônimo: Aí eu pude perceber que eles não estavam prestando atenção ao meu trabalho. Eles queriam sexo, drogas e rock'n roll.

(PA) Toni Duarte: E numa dessas, Gerônimo em um improviso começou a bradar.

(PM) Gerônimo: Eu já puto da vida, comecei a cantar de improviso. Comecei a cantar Eu sou negão e meu coração é a liberdade, Deus está solto, cuidado comigo.

(PM) Jorge Portugal: O primeiro verso já é uma ação afirmativa: Eu sou negão e o meu coração é a liberdade.

Imagens de acervo

(V.O) Gerônimo: contei uma história que acontecia na época em Salvador, que era o encontro de um trio elétrico com um bloco afro, que era uma coisa totalmente covarde.

(V.O) Toni Duarte: A gente tava se sentindo como aqueles caras que tocavam nas bandas de bloco afro. Só a elite tinha acesso e a gente fudido, não tinha acesso a nada, e nem sequer os caras prestavam atenção.

(V.O) Gerônimo: Por que o trio elétrico tinha um som dez...100 vezes mais poderoso que de um bloco afro, que era só percussão no chão e muitas vezes o carro era uma Kombi com uma corneta de alto falante.

(PM) Heraldo de Deus: E aí chegaram os negros, com toda sua beleza, toda sua cultura, toda sua tradição, toda sua religião, e tentada, motivada a ser mutilada, pelos heróis anônimos da história, eles sobreviveram. E no bum bum bum bum bum do seu tambor, o seu negão vai tocando assim. Pega a rua Chile, dá na praça Castro Alves ou na praça da Sé. Fazendo seu deboche, transando seu corpo, fazendo o seu fricote, e o negão assume o microfone. E não beirada do caminhão, acima da multidão ele diz: Alô rapaziada do bloco, esse é o nosso bloco afro. Vamos curtir agora o nosso som, a nossa levada, que é a nossa cultura. E segura comigo: EU sou negão e o meu coração é a liberdade. E de repente aparece um carro todo iluminado. É um trio elétrico. Colé meu irmão, venha devagar. Calma. Colé meu rei? Pera aê, pera aê, pera aê. Qual é meu irmão, segura essa aí. E o cara lá de cima do

trio olha. Legal, massa, pessoal do bloco afro, é uma beleza tá aqui com vocês, vamos levar um som. E o negão lá de baixo falando: É nenhuma meu rei! Aqui é boca de zero nove. Pegue seu caminhão e siga seu caminho que a gente vai seguindo o nosso. Eu sou negão! Meu coração é a liberdade.

(PA) Toni Duarte: E João Américo, ele tinha como costume gravar os shows num gravador de sete e meio, aquele gravador de rolo.

(PM) Gerônimo: Um radialista chamado Bibi Santiago começou a veicular essa música, a rádio dele que era sexto lugar de audiência passou para segundo lugar em duas horas.

(PM) Luiz Caldas: Quando essa canção chega nas rádios, ela dá um revertério também na cabeça do ouvinte, por que ele estava acostumado a ouvir canções normais, e ele pega de cara essa música que não é de forma nenhuma uma canção normal, não tem como ser.

(PM) Jorge Portugal: Quando Gerônimo canta "Eu sou negão" e aquilo ali bate em todo mundo com uma força, com um impacto muito grande, aí é uma virada.

(PM) Jorge Washington: Gerônimo ele deu um tiro que atingiu vários alvos com essa música.

(PM) Armandinho: Naquele tempo aquela música parecia que tinha um trio elétrico na rua tocando, e chega o bloco afro com aquela coisa. Aí eu digo: Rapaz, aquilo era uma coisa que acontecia e ele retratou aquilo, "eu sou negão", de uma forma tão viva, tão natural.

(PM) Gerônimo: Isso modificou, enlouqueceu, as rádios da Bahia, muita gente me ligando, me procurando para me pedir a música, mas eu nem sabia que eu tinha a música, eu tive de ouvir a música na rádio, de improviso, aperfeiçoar ela, para poder gravar em disco.

(PM) Perfilino Neto: Foi o que projetou o nome de Gerônimo, inclusive no cenário Nacional, isso em uma época em que a mídia dava um espaço maior a quem tinha qualidade, a quem fazia a coisa com imaginação, com inventividade.

(PM) Armandinho: E com um arranjo bacana, eu digo: Caramba, uma música bem arranjada, por que a princípio parecia uma brincadeira e tal, de repente entra os metais, aquela coisa. Caramba, bem feito.

(PM) Jorge Washington: Nessa pegada de Gerônimo, com essa virada que ele deu com nessa coisa da baianidade, por que até então, nos anos 80, você tem uma virada em você afirmar uma baianidade, de você afirmar uma identidade própria, e através da música, através dos blocos afros, da resistência, da cultura de Bairro. Gerônimo é uma peça fundamental dentro dessa engrenagem.

(PP) Caetano Veloso: E mudou o modo de ser da população soteropolitana. Aquilo foi, assim, historicamente tão marcante como Filhos de Gandhi de Gil, no mínimo.

(PA) Toni Duarte: Nesse ano eu fui para lavagem do Bonfim, eu vi o Ilê Ayê tocando "Eu sou Negão" era de se arrepiar velho. Sabe, a negada toda curtia por que foi um grito que não foi nosso só. Foi assim uma coisa que... Que chamou, por que todo mundo sentia isso.

Insert: No palco, Gerônimo toca Eu sou Negão.

(PA) Cleidy Magnavita: Eu acho que Gerônimo tem charme, um jeito de dançar legal, e isso a gente vê inclusive no show dele.

(PM) Vavá Botelho: Tem muito tempo que ele não faz aula de dança. Já tem muio tempo que ele não pratica, ele agora é um cantor famoso, ele se preocupa mais com a voz do que com a questão física.

Imagem de Gerônimo dançando na Funceb

(V.O) Gerônimo: Foi um grande aprendizado, eu pude ver o quanto a música popular brasileira, a dança brasileira era riquíssima.

(V.O) Botelho: Eu acho que a memória fica no corpo, mas acho que dá, dá para fazer alguma coisa dentro daquilo que ele tenha conhecimento.

Geronimo: Uhh, primeiro bailarino... ah, tá bom não produtor?

Insert Show da Escadaria

(V.O) Gerônimo: Eu faço um trabalho que já faz 11 ou 12 anos, lá no pelourinho, chamado O Pagador de Promessas.

(PP)Caetano Veloso: É toda semana no verão, adoro aquilo, já fui lá algumas vezes.

(PM) Luiz Caldas: Levando música de qualidade, se ninguém paga ele faz de graça, mas, a música não para. Isso é muito bonito e muito legal de se ver.

(PA) Toni Duarte: Nós tocamos parte do repertório de Gerônimo, mas a gente abre um espaço para outros artistas darem uma canja, outras pessoas, novos artistas, gente de todo...de qualquer vertente.

(PM) Jorge Washington: Cara, ele se supera a cada show é muito gostoso você está ali naquele ambiente, sabe, é salsa, é rumba, é uma mistura que ele faz, que só ele faz.

(PP) Caetano Veloso: Uma vez ele me chamou, me pediu para subir para cantar, mas, outras vezes eu tava lá e ele nem sabe, fiquei lá para cima no meio da multidão, na Escadaria do Passo... Aquele lugar lindo, com aquelas canções lindas, é...Isso é a nossa riqueza de vida, de nos baianos.

Insert Gerônimo vestindo seu figurino.

(V.O) Gerônimo: Eu como artista eu me visto como um Orixá, um Orixá masculino que usa saia.

(V.O) Jorge Washington: Acho que isso também é uma afirmação de identidade, Gerônimo é um filho fiel da tropicália, e eu acho que ele busca um estilo próprio. Acho que ele mistura a coisa do índio, do negro... Toda a mistura que ele faz das penas com as coisas do candomblé.

(PM) Jorge Portugal: Ele une as três etnias nele mesmo. Com certeza, com verdade.

(PM) Gerônimo: Eu tenho de vestir a armadura, assim quando a gente vai para guerra, a gente não veste a armadura? Eu quando subo no palco, eu visto a minha armadura.

(PA) Cleidy Magnavita: Ele sempre usou o que ele gostava, o que ele sentia que era... Por que a roupa é um pouco de você.

(PM) Luiz Caldas: O modismo é uma coisa interessante para quem gosta de ganhar grana ou para quem gosta de ser igual a outra pessoa. Ah, eu não vou usar isso por que está fora de moda, pelo amor de Deus, moda está no estado do espírito da pessoa, tá como você tá, você dita sua moda. Gerônimo sempre ditou a dele.

Insert Gerônimo indo para o palco.

(V.O) Gerônimo: Os caras tão fazendo um filme comigo, com a banda Monte Serrat, e eu gostaria que vocês participassem dessa cena que a gente vai fazer agora, a galera me fez o desafio, em que eu poderia dançar, juntamente com os bailarinos.

Insert Gerônimo dança com os bailarinos no palco.

Insert barco no mar

(PM) Gerônimo: Com muito orgulho eu sou um sexagenário, mas eu penso o tempo todo que estou nos vinte anos, aliás, como todo macho pensa: O cara tem oitenta anos, mas, ele acha que ele tem vinte e que ele bota pra fuder, e então, eu sou dessa mesma linguagem.

Insert Gerônimo passeia pela orla

(PM) Gerônimo: Nunca contei quantas músicas eu tenho por que eu acho que se contar os peixes do pescado da azar, então, enquanto eu não mostrar as músicas eu não conto. Eu me considero um artista que o tempo todo estou na cabeceira da pista, aguardando decolar. Já estou com todas as armas, estou com todas as bombas, mas, alguém diz assim: Volta, ainda não é o momento, e eu estou sempre aguardando. Uma hora dessas, eu decolo.

(V.O) Gerônimo: Se eu decolar vai ser bombardeio. Vou bombardear em tudo quanto é lugar. Eu quero trabalhar muito, tocar muito. EU continuo acreditando que eu chego lá. Não interessa como, mas, eu chego lá, por que o tempo não existe para mim.

(PM) Gerônimo: Ele é misterioso, ele não tem forma, ele é um menino, ele é um velho. O tempo tá no olho de quem vê, e ele não existe. Por que o sol que está aqui clareando a gente, há milhões de anos atrás era o mesmo sol e se punha no mesmo lugar, na mesma posição.

(V.O) Gerônimo: A mesma maré que você tá vendo agora, que é uma maré morta é a mesma maré de duzentos anos...de quinhentos anos atrás. O tempo é o tempo e ele tem o poder dele.

Insert pôr do Sol

(PG) Gerônimo: Rapaz, como Jesus disse: Quando você pegar uma taça e levar a boca, fazeis isto e lembrará de mim...

Quando você tomar um gole de vinho, você lembrará de mim
(risos).

Insert show

Crédito.